

SISTEMA VING TSUN

ARTE MARCIAL CHINESA

PARA TROPAS DO EXÉRCITO

Fabio Gomes

Fabio Gomes qualificou-se como Mestre do Sistema Ving Tsun pelas escolas tradicionais Moy Yat Ving Tsun Martial Intelligence (Brasil) e International Moy Yat Ving Tsun Federation (Estados Unidos da América), tendo aprimorado seus conhecimentos na China e em países dos continentes americano e europeu. Desde 1999 vem emprestando sua experiência a diversos órgãos na área de Segurança e Defesa, no Brasil, como os Centros Conjunto de Operações de Paz e de Instrução de Operações Especiais do Exército, e em Unidades de Operações das três Forças e da Polícia Militar do Rio de Janeiro, entre outros.



parte delas. Infelizmente, muitas pessoas ainda têm uma visão estereotipada sobre elas e não compreendem a amplitude de seu papel em nossa sociedade contemporânea.

Confundir Luta com Artes Marciais é algo comum. Luta está diretamente ligada ao atrito, onde a tendência é a de que o mais forte prevaleça. As Artes Marciais, por outro lado, aprofundam o estudo da luta, visando a, entre outras coisas, dar condições estratégicas de vitória mesmo àquele contendor considerado mais fraco fisicamente, inclusive sem que haja a necessidade de um confronto corporal com o adversário. Portanto, mais importante que impor nossa vontade, é perceber o outro. Mais imperativo que lutar, é identificar o potencial de situação que permitirá a vitória antes da luta.

Isso nos faz ir ao encontro de algumas

Há um enorme potencial de transformação e desenvolvimento do ser humano em todas as Artes Marciais – ou, ao menos, em grande



perguntas, como por exemplo: Como isso é possível? Como desferir um golpe e saber se iremos acertar antes de desferi-lo? Quem seria o portador dessas valiosas informações que permitiria a nossa vitória?

Daí vem a importância de estudar a luta através das Artes Marciais, tendo como base o desenvolvimento humano. O adversário não é um inimigo, é apenas alguém que está do outro lado. E será exatamente ele que informará sobre sua própria vulnerabilidade – obviamente, não de forma intencional. Por isso, outro nível de relação deverá ser constituído entre ambos os lados.

Assim, a Arte Marcial começa a ser expressa antes mesmo que o combate seja travado. Como em outras modalidades de embate, será o desenvolvimento humano o fator preponderante no exercício da inteligência estratégica (capacidade de antecipar os benefícios em potencial, oferecidos por uma situação, para serem mais bem explorados).

O desenvolvimento humano não é apenas uma questão moral, mas estratégica, pois quando se conhece o outro a relação torna-se mais construtiva, possibilitando uma percepção mais holística do conflito. Portanto, identificando as necessidades, motivações e outras razões que levam o adversário a buscar o combate, a transição ou caminho do “confronto” para o “encontro” tende a ser mais curta. Além disso, a história da humanidade nos prova que o emprego da violência na solução de conflitos não é garantia de que o mais forte sairá vitorioso.

Nota-se, também, que fatores externos aos contendores influenciam decisivamente o resultado final do combate. Esse é, por exemplo, o caso das condições meteorológicas e geográficas, que desempenham papel significativo no palco da guerra.

Podemos ilustrar um pouco o valor das Artes Marciais comparando-as a um caro relógio de marca tradicional. As pessoas que escolhem comprar um produto como esse, normalmente não o fazem apenas para ter um relógio – mesmo porque ele vai além disso, chegando a ser uma

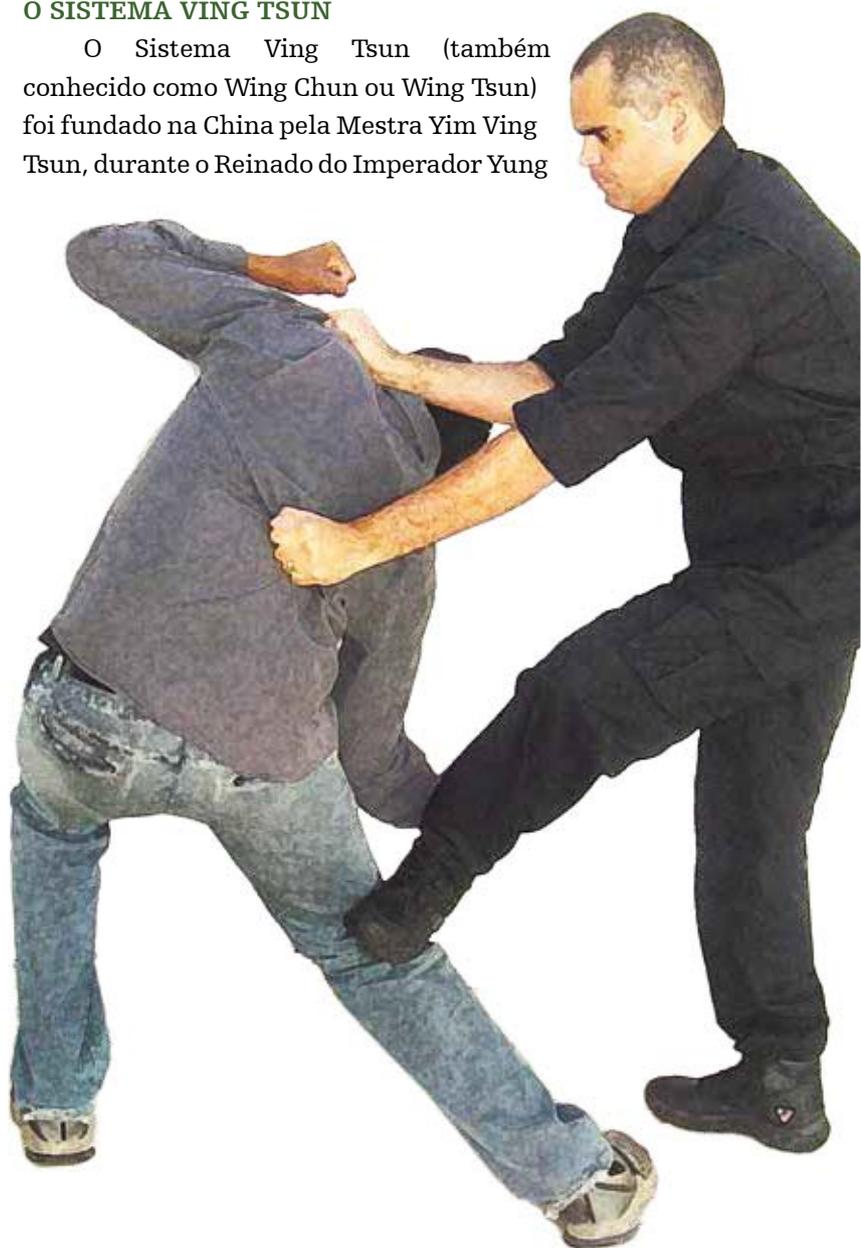
joia. Uma joia, no entanto, que permite ver as horas com especial precisão, pois tem origem em um fabricante mundialmente conhecido por seu desempenho e confiabilidade.

Assim são as Artes Marciais: elas podem servir até para nos defendemos fisicamente, mas existem muitos outros valores agregados a elas.

O Sistema de Arte Marcial Chinesa Ving Tsun nos permite ter essa noção com muita clareza.

O SISTEMA VING TSUN

O Sistema Ving Tsun (também conhecido como Wing Chun ou Wing Tsun) foi fundado na China pela Mestre Yim Ving Tsun, durante o Reinado do Imperador Yung



O autor, durante demonstração de uma das formas de “administrar a distância curta” para impedir que o agressor o imobilize, durante o ataque.

Foto: Rosana Mota



Um militar emprega o aparelho tradicional Muk Yan Jong para estudar a transição de armas, com suporte de técnicas corporais de combate. Rio de Janeiro, 2006.

Jing (1722-1735). Sua tradição, datada de mais de 2.500 anos, remete a um pensamento estratégico que tem como base o desenvolvimento humano. No Ving Tsun, a valorização do aspecto perceptivo (yin) estrutura a capacidade do uso apropriado da força (yang) nos conflitos.

Em 2007, o governo chinês, representado pelo Governo Popular da Cidade de Hok Saan (Heshan), reconheceu o Sistema Ving Tsun como Patrimônio Cultural Intangível, conforme estabelecido pela UNESCO.

Considerado um legado de sabedoria em movimento, o Sistema Ving Tsun é uma forma de cultivarmos a inteligência estratégica e sua linha de atuação é estruturada no pensamento estratégico clássico chinês, registrado em livros mundialmente famosos, tais como: *I Ching*², *A Arte da Guerra*³, *As 36 Estratégias Secretas*⁴ e *Tao*

*Te Ching*⁵.

O Sistema Ving Tsun é formado por seis domínios (manifestação de uma determinada natureza que compõe um sistema) e por uma fase não estruturada. No Sistema Ving Tsun, um domínio é representado por uma listagem de dispositivos corporais de combate. Cada um dos domínios possui sua própria lógica de desenvolvimento, transmitida entre eles, de um para o outro. Esta variação mantém os seis domínios dinamicamente abertos e interconexos.

Os seis domínios estão distribuídos em uma fase estruturada e outra, semiestruturada. Nelas, o Sistema Ving Tsun é transmitido de forma pura e completa, ou seja, o praticante é mobilizado a explorar o conhecimento através de suas próprias experiências, sem a opinião de seu mentor sobre os domínios, permitindo que aprenda por si mesmo.

A fase estruturada é composta pela “Trilogia Fundamental”: Siu Nim Tau, Cham Kiu e Biu Ji.

Siu Nim Tau - Enfatiza a importância de forjar a energia interna. A consciência deve manter o corpo relaxado e a mente concentrada, de modo que a energia seja emitida a partir do amadurecimento do foco mental. Quando se fala de energia, estamos nos referindo à capacidade de ajustar precisamente o esforço, de acordo com a necessidade da situação, porque toda a ação deve ser fácil, para ser feita melhor e de forma sustentável. Isso permite que possamos nos concentrar em cada ação, possibilitando uma atitude naturalmente centrada. Aliás, o domínio do centro tem um papel crucial em todo comportamento estratégico. É a noção de Linha Central (formada pelo conjunto de duas linhas imaginárias (horizontal e vertical) que passam pelo eixo médio do corpo) e de seus pontos de referência que levarão uma ação a ser ao mesmo tempo sutil e altamente eficaz. Se a ocupação da Linha Central for proficiente, então, poder-se-á, com movimentos extremamente pequenos, impedir que um adversário penetre na sua guarda.

Cham Kiu - Enfatiza a importância de que, nas artes marciais, é necessário aprender a prestar atenção no adversário e interagir com ele. O pensamento estratégico clássico chinês defende a ideia do esforço mínimo em um combate, e a noção de que o adversário deve fazer parte do esquema de quem luta. Acreditamos que o isso pode ser útil para outras áreas do desenvolvimento humano.

É preciso ter consciência do vínculo entre os opostos. Assim, fica evidente a importância de concentrar energia, a qualquer momento e em qualquer lugar, em direção à posição do adversário, por meio da ocupação da Linha

Central. Todas essas representações corporais nos ensinam a como construir um estado de consciência, baseado no equilíbrio. De si mesmo e em relação ao outro. Oportunidade não é algo que se cria, mas se identifica. E quando ela aparecer, há de se estar pronto para que a ação seja precisa, econômica e simples.

Biu Ji - Ao priorizar o retorno das mãos para a Linha Central em diferentes ângulos e posições, pratica-se a recuperação do equilíbrio e da segurança, em meio à pressa e à agitação, exatamente como o ponteiro da bússola, que, depois de agitado, deve rapidamente voltar ao norte. Essa metáfora é extremamente útil para enfatizar a capacidade de retomar a autoconfiança, após uma perda inesperada. Recuperar o centro (Biu Ji) é tão importante quanto ocupá-lo (Siu Nim Tau) e mantê-lo (Cham Kiu). Em

“...o praticante é mobilizado a explorar o conhecimento através de suas próprias experiências, sem a opinião de seu mentor (...), permitindo que aprenda por si mesmo.”

uma realidade onde vários combates são travados simultaneamente, é importante aceitar o erro, a perda. O grande desafio é como transformar uma situação de desvantagem em uma nova oportunidade. Resiliência é a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar às perdas e/ou mudanças. É talvez a competência mais desejável no mundo atual.

A fase Semiestruturada inclui a “Trilogia Superior”: Mui Fa Jong, Luk Dim Bun Gwan e Baat Jaam Do.

Mui Fa Jong - Este domínio é uma ferramenta subsidiária para o desenvolvimento da habilidade adquirida. Saber aplicar corretamente os movimentos neste domínio somente poderá tornar ainda mais precisos os dispositivos corporais de combate que já se compreende, e a posição de seu caminhar ainda mais direta e apropriada. Ao valorizar o refinamento do que se captou da Trilogia Fundamental, o Mui Fa Jong versa sobre a melhora contínua. Após compreender a noção de

ocupar, manter e recuperar o centro, é o momento de identificar o centro de uma forma mais circunstancial, compreendendo a importância de assumir riscos calculados.

Luk Dim Bun Gwan - Ao adentrar neste domínio, a noção de Linha Central toma uma interpretação diferente da estabelecida. As consequências disso levam o praticante a desenvolver um apurado senso de antecipação, tão necessário para a noção emblemática do pensamento estratégico clássico chinês: a não-ação. “Nada fazer sem deixar que nada deixe de ser feito.” Esse provérbio clássico pode ser perfeitamente o guia condutor deste domínio. Ele é caracterizado por um comportamento estratégico em um cenário de poucas oportunidades, onde o aproveitamento das mesmas tem que ser máximo, e um erro mínimo têm consequências ampliadas.

Baat Jaam Do - Neste domínio o praticante é estimulado a sintetizar o que foi desenvolvido visando expressar sua inteligência estratégica para antecipar um cenário de alto risco, com inúmeras dificuldades (envolvendo acontecimentos simultâneos de diferentes naturezas e com nuances constantes), porém, pleno de oportunidades.

Segue-se, então, a fase não estruturada, na qual o praticante é qualificado como Mestre e passa a ter contato não só com a opinião e experiências de seu mentor referente ao legado a que teve acesso, mas também as de seus ancestrais ligados à árvore genealógica do Sistema Ving Tsun.

Sendo assim, o estudo do Sistema Ving Tsun não tem como fim estimular o praticante para que aprenda a combater corporalmente, mas sim como um meio para o cultivo da inteligência estratégica.

Os aspectos relativos à motivação e ao moral têm sido alvo da atenção de inúmeros chefes e pensadores militares, ao longo dos tempos. Em 401 a.C., Xenofonte já aludia à “força da alma” para convencer os gregos, em campanha pela Ásia, a resistirem ao inimigo para voltarem à pátria. Mais ou menos à mesma época, na China dos reinos combatentes, Sun Tzu salientava a importância da “lei moral”, em seus ensinamentos sobre a arte da guerra. Os romanos conheceram bem a

importância do moral e da motivação, e usaram esses princípios como critérios na organização de suas legiões. Mais recentemente, no século XIX, Clausewitz afirmou, categoricamente, que “nenhuma vitória, em seus efeitos, pode ser esclarecida sem que se recorra às impressões morais”.

Entretanto, a Segunda Guerra Mundial foi o primeiro conflito em que o comportamento do homem no campo de batalha foi analisado de forma científica. Estudos dessa época indicam que, apesar da interferência de fatores como terreno, fogos inimigos, logística e mesmo sorte, as frações que logravam atingir seus objetivos



durante a batalha o faziam, essencialmente, por possuírem homens mais dispostos a combater.

Apesar do surpreendente avanço tecnológico das últimas décadas, o homem é, ainda hoje, o elemento essencial no campo de batalha: é ele quem conduz os modernos carros de combate e helicópteros, que opera os sistemas de armas, que ataca a partir do bojo das viaturas blindadas e que defende, instalado firmemente no terreno. Por isso, o estudo da motivação constitui-se não apenas em

um requisito essencial à tarefa de liderar homens, mas será também, em muitas situações, a chave para atingir o sucesso em combate.

“...presos à nossa própria cultura, somos não apenas cegos a outras, mas míopes com relação à nossa.”

O SISTEMA VING TSUN PARA TROPAS DO EXÉRCITO

Ao conhecermos o conceito do *depaysement*, de François Laplantine⁶, percebemos que, ficando presos à nossa própria cultura, somos não apenas cegos a outras, mas míopes com relação à nossa. A cultura chinesa pode ser uma grande fonte para buscarmos



Militares do Centro de Instrução de Operações Especiais durante estudo de “entradas táticas” tendo como suporte técnicas de combate do Sistema Ving Tsun. Rio de Janeiro, 2006.

conhecimentos inovadores e aperfeiçoarmos o entendimento sobre nossa interação com outras culturas.

Portanto, a ideia não é recorrer a certos aspectos da cultura chinesa devido a uma fascinação pela longinquidade ou a um gosto pelo exotismo, mas a escolha pela cultura chinesa, em alguns aspectos, pode ser, acima de tudo, estratégica.

Neste sentido, visando a direcionar o foco de estudo do Sistema Ving Tsun para Tropas do Exército, deve-se levar em consideração a realidade dos conflitos assimétricos. Nos conflitos atuais, percebe-se que dificilmente são delineadas uma frente e uma retaguarda de batalha. Passou a ser norma que o adversário se apresente como organizações não estatais.

Diante desta realidade, o trabalho deve ser desenvolvido de forma personalizada (de acordo com a Missão atribuída à Organização Militar) e sistematizada, dando ênfase ao estudo de situações nas quais o contato físico entre Combatentes e Não-Combatentes seja possível ou necessário. Os militares poderão vivenciar de maneira não tradicional cada domínio do Sistema Ving Tsun, ou seja, sem a necessidade de, por exemplo, realizarem as “formas” (sequências individuais de movimentos marciais). Para isso os domínios serão abordados customizadamente e sob três dimensões evolutivas de tutoria: Estruturada, Semiestruturada e Não Estruturada.

Na Fase Estruturada, o militar será estimulado a identificar, verificar, atentar e especificar uma ação em virtude da tutoria, para permitir ao instruendo vivenciar um processo dinâmico sem a artificialidade, mas focado no tema em questão.

Na Fase Semiestruturada, o militar será levado a avaliar, investigar e analisar uma ação, em virtude de uma tutoria que permita ao instruendo perceber o potencial contido em diferentes situações. Situações que estimulem a adequação às condições ou características normais de operação, com índice de previsibilidade variando de baixo a alto (estando o Mestre do Sistema Ving

Tsun acompanhado por um militar especializado, para que a atividade seja ajustada e monitorada apropriadamente), estando o militar armado e equipado.

O estudo situacional pode ser desenvolvido para Operações de Paz, Operações de Garantia da Lei e da Ordem, Operações na Selva, Operações na Caatinga, Operações Aeroterrestres, Operações Especiais, entre outras.

Na Fase Não Estruturada, o militar será estimulado a desenvolver, explorar e ajustar cada ação em virtude de uma tutoria que permita ao instruendo fazer uso das oportunidades oferecidas pelo outro (o oponente).

O estudo do Sistema Ving Tsun, pode ir além de ajudar a aprimorar a capacidade de combate corpo a corpo destes profissionais, pois existe a possibilidade de estender para outras frentes os conceitos transmitidos durante a prática, estimulando o comportamento estratégico nas diversas operações nas quais estejam envolvidos. Tudo isso, através da experiência marcial (situações de combate corporal com progressiva imprevisibilidade), sendo esta a base do processo vivencial que permite o aprimoramento da inteligência estratégica.

A experiência marcial tem o potencial de fazer-nos repensar como percebemos e interpretamos a realidade, colocando em movimento o pensamento, desenvolvendo um significado que é criado dentro da vida da própria pessoa, utilizando os movimentos do corpo humano no sentido de frustrar a atividade dicotômica do pensamento, que petrifica a fluidez de uma tendência e impede que se identifiquem os sinais ínfimos da transformação que está por vir.

CONCLUSÃO

Os elementos tradicionais do Sistema Ving Tsun carregam uma simbologia milenar que possibilita auxiliar no preparo para agir diante do inesperado à medida que a realidade se configura, favorecendo o refinamento da percepção, antecipação e adaptação frente às situações inerentes à segurança.

Mais do que transmitir algo novo, a ênfase no estudo do Sistema Ving Tsun consiste em estimular a melhor aplicação do que já se sabe, utilizando como princípio a simplicidade para alcançar a sustentabilidade nas ações realizadas, seja em combate ou em situações do cotidiano.

É dito que, se um indivíduo utiliza a estratégia

para benefício próprio, ele é um manipulador; se ele utiliza a estratégia para benefício de seu grupo, é um estrategista; mas, se ele utiliza a estratégia para o benefício de sua organização como um todo ou de seu país, é um sábio. Esta é a busca do Sistema Ving Tsun.

REFERÊNCIAS

- 1 *O leitor pode obter mais dados sobre como o sistema Ving Tsun contribui para o desenvolvimento da inteligência estratégica em Arquitetura do Invisível, de Leo Imamura . Brasil, Editora Évora.*
- 2 *Richard Wilhelm (ed.) (2006) I Ching: o livro das mutações, Brasil, Editora Pensamento.*
- 3 *Sun Tzu A Arte da Guerra, Brasil, Editora Pensamento.*
- 4 *Hiroshi Moriya (2011) As 36 Estratégias Secretas, Brasil, Editora Évora.*
- 5 *Lao Tse (1997) Tao Te King, Brasil, Editora Cultrix.*
- 6 *François Laplantine (2003) Aprender Antropologia, Brasil, Editora Brasiliense. Laplantine, um professor da Universidade Lumière Lyon 2, na França, escreveu a ideia de depaysement. Este conceito reflete a perplexidade provocada pelo encontro com culturas distantes da nossa, que termia por modificar o modo como vemos a nós mesmos.*